

[9h43] Cheguei ao final do filme da minha escrita. Estou a despedir-me. Achei que fosse difícil. Para a primeira linha nada de especial. Estou-me a despedir porque ainda não consegui arranjar emprego e tenho de conseguir arranjar se quiser continuar a viver com o D.K., porque os 1200€ do ordenado de médico não dão para vivermos nesta no Sítio de Mata Lobos com uma renda de 400€, como todas as outras despesas. Há uma residência para os médicos viverem a pagarem 150€ em Faro, mas acho cruel que os namorados ou maridos não possam viver na residência com os médicos. Quem diz residência para os médicos, diz para os salva-vidas, para os bombeiros, para os polícias, para todos. Nós não somos objetos de trabalho. Nós não somos só corpos sem sentimentos, sem emoções, sem amor. Nós amamos pessoas. Não acho que faça sentido termos um sistema seja ele universitário, camarário ou governamental que separe os namorados ou os maridos. Eu e o D.K. já fomos muitas vezes separados. Houve sempre um sistema que nos teve a separar. Que nos quis separar. Mas conseguimos sempre com o nosso amor, olhar em redor e ver as hipóteses que tínhamos para ficarmos juntos. O D.K. perguntou-me se eu queria ir para o Brasil numa parte da especialidade dele. É claro que eu quero ir, se ele quiser ir. Mas como vai ser? Como serão as rendas lá? O alojamento é só para os médicos ou também para os “companheiros de vida” dos médicos? Ora, tudo isto começa a importar, porque nós não estamos sozinhos no mundo, nem temos de estar.

Se amanhã eu for juiz e tiver de ser destacado para o tribunal de Guimarães e o D.K. ficar no hospital de Faro, os nossos pais que nos acompanham o namoro à distância em silêncio diriam que esta era fácil e que teríamos de nos separar como também eles tiveram de se separar em momentos da vida. Mas eu não concordo. Eu acho que um de nós pode ceder. Eu não me importava de ser o único a trabalhar, porque para mim o mais importante é eu poder chegar a casa e poder passar tempo todos os dias com quem eu amo. Já o disse várias vezes, se o D.K. fosse skater ou surfista e a felicidade dele era passar o dia todo com o skate ou no mar e se o skate ou o surf não dessem euros, tudo bem desde que o meu trabalho desse os euros para nós podermos viver tranquilamente. Para mim o mais importante é eu poder ver a pessoa que eu amo todos os dias, repetir todos os dias o amor e não deixar que o meu namoro se torne numa rotina que vejo infelizmente dos outros casais. Eu sou da opinião, que num casal os dois não têm de estar a trabalhar quando obviamente o dinheiro chega. É claro que se o ordenado nem sequer chega a 2 mil ou 3 mil é preciso trabalhar. Mas mesmo que só chegue a 3 mil, é preciso fazer contas à vida e ver o que é mais importante. Se é o dinheiro ou o amor.

Custa-me muito ver biólogos, escritores, cantores, psicólogos, veterinários atrás de uma caixa de supermercado ou a dobrar roupa ou a apanhar lixo. Eu dignifico através da minha escrita, desde sempre, todos os trabalhos, desde o apanhar lixo, o limpar escadas, enfim... O que eu estou a tentar dizer é que me custa não termos um Estado suficiente forte, estruturado e sofisticado que consiga “encaixar” cada um de nós na posição dentro do sistema que seja mais útil, feliz e colaborativa. Eu acredito muito na colaboração com o sistema. Acho que o que faz sentido é colaborarmos com o sistema e tentarmos ser úteis ao sistema. Se o D.K. só quisesse andar de skate e não produzisse nada, não fosse criativo ou não fosse produtor, talvez para trazer mais euros para casa poderia tentar arranjar um trabalho nem que fosse em part-time para dobrar roupa, por exemplo. Porque há pessoas que não são tão criativas, como há pessoas que não são tão talentosas a jogar à bola. Eu sou um trapalhão a jogar à bola, por isso é que fui para árbitro, fui aprender as leis do futebol.

Sei que há muitos rapazes que só pensam em bola e curtem é beber cerveja em grandes conversas e grandes risadas e são super felizes e não querem saber da política para nada nem da economia e não é por isso que são não menos inteligentes ou menos cultos, simplesmente não se querem aborrecer e querem é gozar. E estão no seu direito. E eu nunca me importei de namorar com um gajo destes, em que não pensava “em nenhum”, só queria era festa e futebol. Desde que ele me amasse e que eu sentisse verdadeiramente que ele me amava eu nunca me importaria de estar a “trabalhar para nós” se o dinheiro chegasse. Mas é isto que é preciso ver. Porque que se calhar, um gajo que “não pense nenhum” e que não se quer dar ao trabalho de “pensar em nenhum”, não se importa de dobrar roupa ou de estar numa caixa de supermercado, para ganhar euros. E é isto que eu estou a tentar dizer. É que talvez os trabalhos mais mecânicos ou repetitivos sejam melhores para quem não é criativo ou quem não esteja sempre a produzir com o seu cérebro. Há trabalhos mais mecânicos e outros mais intelectuais.

É preciso pessoas em todo o sítio. Mas do mesmo modo que não faz sentido eu ver um médico a dobrar roupa, também não faz sentido ver um biólogo a dobrar roupa. É mais ou menos isto que eu estou a tentar dizer. Mas agora, se eu tenho de arranjar um emprego por muito que eu goste de escrever e realizar e tenha obras feitas, tenha fundado uma editora, eu não me importo absolutamente nada de fazer o que seja, desde dobrar roupa, passar a ferro, lavar o chão, apanhar o lixo... Só que olho para mim, porque tenho de olhar e vejo que o sistema de facto não funciona, porque se funcionasse, no momento em que pedi o financiamento ao banco o banco ter-me-ia concedido para montar um estúdio, para eu poder abrir postos de trabalho e empregar na Jupiter Editions, enfim, ou o Estado ter-me-ia atribuído uma bolsa para poder continuar a escrever que é o que se passa noutros países... Mas enfim, é também a força do amor que me faz escrever o que escrevo e que me faz pensar de forma diferente.

Eu lembro-me muito antes do D.K. aparecer eu ter um namorado e eu queria muito viver com ele enquanto estava a estudar na faculdade... O meu pai dizia para eu arranjar um part-time enquanto estudava... Mas eu não queria arranjar um emprego para viver na casa dos meus pais, não acho que isso fizesse sentido. No entanto, para viver com quem eu amava ou dizia que amava eu já estava capaz de trabalhar. E tentei fazer limpezas na casa de um casal para ganhar dinheiro, mas não me aceitaram, porque olhavam para mim e diziam que não era trabalho para mim, mas eu implorava, porque eu sabia que com esse dinheiro eu na altura conseguia pagar a renda para viver com esse meu namorado em Lisboa... Andei também à procura de sítios para servir à mesa. Fiz tudo às escondidas dos meus amigos. Se alguém perguntar aos meus amigos, os meus amigos vão dizer “que é mentira”, que seria “impossível” eu “na altura” andar à procura desse tipo de trabalhos só para viver, na altura, com o David. Mas eu gostava do David. E quando nós gostamos mesmo das pessoas, nós alteramos todo o nosso pensamento. É claro que eu não queria andar a fazer limpezas e a estudar na Faculdade de Direito de Lisboa. Mas eu não me importava, se eu soubesse que era feliz, porque ia chegar a casa e ia ter sempre o meu namorado. Enfim, nem sei porque estou a falar disto, estou mesmo a despedir-me da minha escrita, porque a minha escrita está mesmo a ficar uma porcaria. E ainda bem que está a ficar uma porcaria, assim despeço-me de vez dela.

Se me perguntarem se eu queria continuar a escrever, é claro que queria. É o meu sonho, é o que eu mais gosto de fazer. Gostava de acompanhar a Medicina e a Psiquiatria do D.K. a escrever. Gostava de voltar a escrever outra vez como tudo começou, as memórias

que tenho guardadas. O meu cérebro é excelente, tem uma capacidade de memória espetacular. Elogio algumas vezes o meu cérebro nesse aspeto. Na questão da memória. É claro que gostava de explorar isto através da minha escrita com a Neurologia ou com a Psicologia. São ciências que eu adoro. Desde sempre. Gosto de plantas, gosto de árvores, adorava por isso poder estudar Botânica também com a minha escrita. Tive num Curso de Mercado de Ações e vi logo como a minha escrita ficou diferente, ficou ainda mais sofisticada. Por ter ouvido e estado num curso, a minha escrita mudou e eu acho isso lindo! A minha escrita basicamente é um indicador de onde eu estou e como eu estou. Mede o meu stress, mede a minha felicidade. O senhorio disse que em Faro havia um curso de Apicultura, eu adorava entrar com a minha escrita, ou seja, ter tempo para depois chegar a casa e passar aos outros as informações que eu aprendi. Sou muito informativo. Sou informação. E por isso, gosto de informar os outros, porque acredito numa sociedade bem informada, numa sociedade que se sabe movimentar dentro do sistema, que é inteligente, que não se deixa enganar.

Eu considero-me uma pessoa minimamente intelectual. Considero-me, também, minimamente inteligente. Não é por estar há 6 anos na faculdade quando já devia ter acabado que isso faz de mim burro. Não é nem sequer a entrada para a faculdade que dita se somos ou não inteligentes. Há quem não tenha um curso superior e seja super inteligente. Mas independentemente disso, a verdade é que estou com o curso de Direito interrompido. Tive de o interromper. Achei que a Jupiter Editions fosse muito mais importante. Mas mesmo antes da Jupiter Editions, de repente as nossas notas ficaram públicas, portanto está na Internet, é público, que eu não tive boa nota no Direito Romano como também está público a parte d'O Algoritmo do Amor na Jupiter Editions em que eu pela mão do Jaime escrevo que tive má nota a Direito Romano e que merecia era ter chumbado. Ora, nós temos Direito Romano logo no primeiro ano da faculdade e no primeiro ano eu ainda nem sequer tinha escrito livro nenhum. Escrevia só imenso nos meus cadernos. Sempre escrevi imenso. E para mim era uma grande seca eu ter de abrir o manual de Direito Romano, porque o meu cérebro estava a pensar noutras coisas, sempre a produzir. De fora, isto poderia ser visto como um problema... Mas eu tenho de defender o meu cérebro e por isso digo que não era problema nenhum e que o resultado está à vista, porque se eu tivesse enfiado o Direito Romano na minha cabeça, eu teria "apagado" ou inibido produções importantes do meu cérebro que me permitiram, enfim, produzir tudo o que eu produzi. Hoje eu já estou com cabeça para o Direito Romano e para a história. Mas antes eu não estava. E o que eu defendo é que devemos ser nós, se tivermos essa sorte, de fazermos o nosso próprio tempo. Porque eu gostava mesmo de aprender Direito Romano de verdade. Mas não podia ser na altura. Para mim fazia mais sentido Direito Romano aparecer no último ano e ser uma cadeira facultativa... E só com esta minha mãozinha eu vi uma seta, vi-me a fazer uma seta, em que pego na cadeira e mando-a para o final do desenho. É difícil quando nós somos também "um sistema". Não é fácil... Mas tem de ser fácil... Lembro-me que no primeiro ano, eu fiz um plano curricular de Direito. Inventei cadeiras, inventei uma escola, escrevi como deveriam ser os estágios, enfim... Uma brincadeira de meia hora... A meia hora que não quis investir em Direito Romano... E como não investi, tive de inventar tudo no teste, porque eu não sabia nada e a minha professora riu-se e disse em latim que eu tinha a arte de inventar e passou-me, porque viu que eu não estava com cabeça, mas que sabia que eu eram bom nas outras cadeiras mais importantes e talvez ela soube que um dia eu iria chegar a este dia a lembrar-me disto e que quando eu me lembrasse eu ia querer ir ver a história e ia querer

pegar no manual de Direito Romano. Há um sentido. A vida tem um sentido e nós só temos é de o encontrar. Seremos felizes.

Devemos sim, aceitar a experiência da vida. No entanto, não devemos ser simples experiências nas mãos de uma experiência. Devemos também nós, experimentarmos a experiência. Tornarmos a experiência nossa. Não tenho problemas nenhuns em criticar as instituições ou empresas que eu tiver de criticar. Afinal de contas, sou o “verdadeiro inimigo do sistema”. Despeço-me assim, por agora, da minha escrita. Tenho de arranjar um emprego para começar a minha vida com o D.K. e com um emprego não sei quando vou poder voltar a pegar na minha escrita, porque quando chegar a casa eu vou querer é ir para os braços do D.K. Eu só quero é ir para os braços do D.K. É o que eu mais quero! Quero começar a viver a nossa vidinha juntos de verdade. Quero sair deste filme-documentário da Jupiter Editions. Sei que o comecei, sei que tenho de acabá-lo. Vou acabá-lo! Despeço-me da minha escrita!

23 de janeiro de 22 11h06 Raul Catulo Morais © Todos os direitos reservados in Real Time with Jupiter Editions www.jupitereditios.com